

Apresentação do livro

**O Engano de Édipo:** ensaios sobre a prática psicanalítica, Porto Alegre: Movimento, 2017, autor Luiz-Olyntho Telles da Silva

Angela Maria Pagot

Aceitei com prazer o desafio de apresentar essa obra, sem deixar de assumir a minha posição de sofrer os efeitos de meus enganos, pois é nesse lugar que o livro nos coloca, ou seja, o da ex-sistência. Dessa forma, não me sinto senhora de mim, ao menos o quanto desejaria. Mas como não existe outra possibilidade de existir, sigamos em frente.

Mas ao mesmo tempo, talvez para nos animar em nossa trajetória, o livro traz já em sua apresentação, *“uma visão equivocada do mundo é melhor do que nenhuma”* (p.9)

A obra coloca, em extensão, a razão da psicanálise desde o seu fundador Freud, passando por Lacan e reafirmada a partir da prática clínica de Luiz-Olyntho, qual seja, a de desvelar o quanto nossos erros dizem de nós, muito mais do que nossos acertos. Ex-sistimos neles e dão sim o que falar. A propósito dos erros, o autor refere *“não creio que ninguém chegue a conhecer realmente alguma coisa sem antes reconhecer que desconhece, sem antes reconhecer-se ignorante”*(p.57) e, traduzindo Lacan diz *“o que não é estúpido erra”*(p.57).

As fofocas se ocupam de nossos erros, através do que se diz "mal-dizer" que é diferente do "bem-dizer" (p.10). De acordo com o livro, "bem-dizer" significa *“não dizer onde está o bem”* (p.10). Ao contrário, o "mal dizer" expõe a parte submersa de nosso *iceberg*, sua latitude e profundidade, ou seja, altera o equilíbrio entre conteúdos conscientes e inconscientes, fragilizando o Eu. Conforme o autor, *“o importante na psicanálise não é apontar erros e sim descobrir o núcleo de verdade, eventualmente, aí contido. Trata-se de uma ética e não de uma moral.”* (p.27).

O autor nos traz Lacan em outra afirmação relacionada ao que se deve ou não dizer de que *“a psicoterapia seria ótima se não levasse ao pior (...) porque o psicoterapeuta está no lugar daquele que sabe o que é melhor*

para seu paciente” (...)como conciliar um saber anterior, com o sem sentido próprio da psicanálise?” (p.111).

Quando acontecimentos da vida nos revelam nossos enganos, buscamos análise, pois perdemos um pouco de nossas certezas; e é nesse campo fértil das incertezas que o tratamento psicanalítico deve ser levado em frente, sem que, de acordo com o autor, o analista por oferecer as respostas, “torne-se cúmplice por identificação com a repetição de seu paciente.” (p.111).

Todos sabemos que a consciência e o Eu são organizações internas a serviço do engano, extremamente eficientes, pois, mesmo sabedores disso, insistimos em lhes dar crédito; é como se contássemos uma mentira aos demais e passássemos a acreditar nela.

Se pensarmos nas estruturas psíquicas, de que enganos sofrem e gozam em seus discursos o histérico, o obsessivo, o depressivo, o psicótico e o perverso? - A respeito, o autor se refere em “A Questão do Estilo”, “podemos tomar as estruturas clínicas como estruturas de estilo”(...) “como uma solução original do sujeito frente às dificuldades encontradas em seu enfrentamento com o mundo” (p.124) Ou melhor dizendo, de que se queixam os mesmos e de que culpam os demais? Sim, pois cada qual tomando a si e aos outros a partir de seu fantasma, torna-se absolutamente previsível, tal como um estilo, uma maneira de ser. No entanto, a psicanálise chama a isso de repetição.

Para se ter um estilo absolutamente próprio, ao contrário, é preciso percorrer um caminho. É preciso assumir a posição de quem se reconhece como capaz de enganar-se, equivocar-se, assim como os demais, enquanto nossos semelhantes. E é nesse ponto que pode surgir para o sujeito sua originalidade, sua potencialidade desbravadora de descobrir-se na vida, de modo contemporâneo.

Desde a posição de analisante, esse caminho, de acordo com o autor e a partir de Lacan, se dá do sujeito em sua relação com o fantasma na direção de S1.

Este livro apresenta uma profundidade teórica e exige estudo para compreendê-lo, sendo um material recomendado na formação profissional de analistas e que, certamente, aqui, não serei capaz de decifrá-lo, em toda a sua complexidade, sob pena de cometer desenganos.

Este livro traz algumas preciosidades, resultado do trabalho e estudo do autor, transitando por Freud e Lacan e também por importantes autores da literatura. Trata-se de alguns dizeres que traduzem, de forma simples e clara, coisas complexas. Ao meu ver, só consegue tornar o conhecimento uma coisa simples, aquele que o conhece bem; os demais apenas o repetem e não se apropriam dele. Assim, destaco algumas delas:

- Em “A Abertura da Sessão Clínica” traz a associação livre relacionada ao vento, ao divã e ao narcisismo. - *setting* necessário para que os enganos se revelem aos tropeços e através de falas vaidosas e avessas.
- Em “O Sublime e o Ridículo: com efeito”, através das palavras de Goethe, afirma que “a verdade é que se a nossa língua é a língua materna, então, a rigor, ela não é nossa, é do Outro” - A linguagem que existe em nós, de fato nos é anterior; somos falados e só depois falamos. A importância fundamental da psicanálise se pode situar aqui, como sendo, a de possibilitar a cada analisante, uma linguagem própria, autoral, o que não quer dizer autônoma, mas lhe permite o reconhecimento do quanto ela é sobre determinada. E é exatamente isso que pode nos tornar autores de nós mesmos
- O livro faz um elogio à prática psicanalítica, demonstrando através do herói Édipo o quanto também somos todos heróis por vivermos levando sempre conosco a nossa realidade que não é a externa mas a psíquica. Conforme o autor, “a realidade que nos importa é a fantasmática, sempre particular e corolário necessário da inexistência da relação sexual. (...) porque o que o fantasma coloca em evidência é um desejo (...) Lacan nos diz que o desejo do homem é o inferno” (p.38). - A propósito, não há melhor exemplo senão Édipo, para demonstrar o quanto nosso desejo estabelece nossos enganos, disfarçados de uma vontade consciente que acaba

resultando nos sintomas e sofrimentos de nossa existência. Ainda, muito bem exemplificado por Orfeu quando este fracassa, traído por sua desconfiança, o que lhe acarreta o sofrimento pela morte da amada.

- A figura das Górgonas e Medusa que dizem de uma paralização, de uma petrificação, causadas pelo espanto, pelo horror. - Essas figuras mitológicas foram incorporadas à teoria psicanalítica, não por acaso, e são essenciais para teorizarmos a partir do que nos produz essas reações na vida. Será quando nossos enganos se revelam e passamos a reconhecer algo de nosso desejo, como também de nossa falta e essa visão de suas cabeças, nada mais são do que um espelho a nos refletir?

A importância da análise é ajudar cada um a lidar com seus horrores particulares, sem precisar mutilar-se, suicidar-se, ou exilar-se, nesse enfrentamento. Fugir é uma saída e talvez a mais utilizada; mas Édipo e Laio se enganaram ao adotá-la; a encruzilhada os fez parar. Muitas tragédias ou desfechos poderiam ser evitados, mas, em certas ocasiões, um engano leva ao desengano ou, na melhor das hipóteses, a outro engano.

Os conflitos trazem esse efeito do sujeito estar atado, sem poder decidir. Édipo é a metáfora por excelência da vida humana, genialidade de Freud e méritos de nosso autor Luiz-Olyntho Telles da Silva.

A clínica psicanalítica estabelece-se como uma prática que possibilita a ação de reconhecer-se, através da conscientização daquilo que nos cega, do questionamento de nossas crenças e verdades inquestionáveis. Com a análise, poderemos saber o quanto são frutos de nossos enganos e o quanto vale a pena seguir com eles ou seguir por outra estrada, quem sabe, com menos encruzilhadas.

O curso de uma análise pode ser esse lugar de barramento da repetição de nossos enganos? Como isso poderá de fato ocorrer

uma vez que o tempo da vida difere do tempo lógico ou ilógico da ex-sistência?